

EXPERIÊNCIAS NO LABORATÓRIO MULTILINGUAGENS E OFICINA MINISTRADA EM ESCOLA PÚBLICA DE PELOTAS

WILLIAM LEONARDO PEIXOTO PEREIRA¹ ALINE GOULART DA
SILVEIRA², KAUÃ SOARES DE CARVALHO³, RAQUEL DE ALMEIDA ALMEIDA⁴,
SILVIA PRIETSCH WENDT⁵; RITA DE CÁSSIA DE SOUZA SOARES RAMOS⁶;

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – *peixotowilliam6@gmail.com*

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS- *alinegsilveira@live.com*

³UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS- *kaua.dpm@gmail.com*

⁴UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS- *quelwsaltw@hotmail.com*

⁵UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS- *silvia.clmd@gmail.com*

⁶UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - *rita.ramos@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma oficina promovida pelo Laboratório Multilinguagens – LAM da UFPel, bem como a construção de material de apoio pedagógico construído para a mesma. Tanto no caso da produção de material quanto na organização, execução e avaliação da oficina foram utilizados conceitos da teoria sociointeracionista de Vygotsky, destacando-se a interação entre os sujeitos, o diálogo e a construção dos conceitos através de um jogo em grupo.

Dentre as metas do LAM estão a produção de material instrucional e oficinas didáticas para a formação de professores, devido ao mesmo ser subprojeto do LIFE – Programa de Apoio a Laboratórios Interdisciplinares de Formação de Educadores, proposto pela CAPES em 2012 (Wroblewsky et al, 2014). Desde então, o LAM atua de forma presencial em escolas, nos polos de apoio presencial dos Cursos de Educação a Distância da Universidade, na sede do LAM e através de diferentes mídias, com oficinas gravadas e disponibilizadas ao público em geral.

O Laboratório possui uma equipe composta por professores e estudantes de diferentes áreas, que trabalham de forma colaborativa em ações de ensino, pesquisa e extensão. (Wendt et al, 2016). O exemplo que este texto traz aborda questões de ensino, principalmente no que diz respeito à produção do material pela equipe multilinguagens, bem como pela atuação dos bolsistas do LAM em uma oficina realizada no Colégio Pelotense, no evento denominado Sábado em Foco.

Tal oficina contou com o público de 49 participantes, em duas aplicações, sendo 25 participantes na primeira e 24 na segunda. A maior parte dos estudantes que participaram das atividades cursava, na primeira aplicação, o nono ano e na segunda aplicação o sétimo ano do Ensino Fundamental.

O referencial utilizado para o planejamento, aplicação e avaliação trata da teoria sociointeracionista, sendo que Vygotsky compreende a aprendizagem como um sistema no qual o indivíduo depende do outro e dos processos simbólicos, sendo que

a relação do indivíduo com o ambiente é mediada por aspectos socioculturais, pois o homem, como sujeito do conhecimento, não aprende os objetos de modo direto, e sim, a partir de sistemas simbólicos que representam a realidade, tais como a linguagem, a escrita e o sistema de números (MALDANER, 2011, p.39).

A interação promovida pela oficina “Jogo do Troca” busca a ampliação dos conhecimentos mediante o diálogo promovido entre os pares a respeito da compreensão que os mesmos possuem diante de determinados conceitos.

2. METODOLOGIA

A oficina denominada Jogo do Troca teve como principal objetivo retomar conceitos básicos de Matemática do Ensino Fundamental mediante um jogo de perguntas e respostas. A mesma compõe o acervo do Laboratório Virtual Multilinguagens, no qual diferentes oficinas são gravadas e disponibilizadas ao público através de um canal no *Youtube*.

O jogo consiste em cinco tabuleiros coloridos com nove perguntas em cada, sendo cada tabuleiro de uma cor, e respectivas respostas em fichas coloridas, em conformidade com o tabuleiro. Além das fichas com respostas, existem dez fichas chamadas troca, nas quais a palavra troca aparece, duas em cada cor de tabuleiro.

Os tabuleiros são distribuídos a duplas ou grupos maiores, e as fichas distribuídas sobre a mesa, com a face voltada para baixo, como em um jogo de memória. Cada grupo vira uma ficha por vez, tendo vinte segundos para completar em seu tabuleiro, caso a ficha seja da cor do mesmo. Caso o grupo não acerte ou a ficha seja de outra cor de tabuleiro, a mesma é devolvida para a mesa e é a vez do próximo grupo. Caso o grupo acerte, joga novamente. Se algum grupo pegar a ficha “troca” de outra cor de tabuleiro, deve trocar o seu tabuleiro juntamente com as respectivas respostas com o grupo com tabuleiro da cor correspondente à ficha troca, daí o nome do jogo. Vence o grupo que primeiro completar o tabuleiro.

Na oficina ocorrida no Sábado em Foco, as perguntas e respostas se referiram a conceitos de Matemática no Ensino Fundamental. Na primeira oficina foram distribuídos os tabuleiros em 4 grupos contendo 4, 6, 7 ou 8 componentes, divididos em duplas ou trios por tabuleiro, e na segunda, em 2 grupos, um com 13 e outro com 11 participantes, divididos em duplas ou trios por tabuleiro.

Para a análise dos dados obtidos na oficina utilizamos a observação realizada pelos ministrantes a respeito do trabalho com os grupos, apoiados na concepção de interação vygotskyana. Procuramos responder, com tal referencial, se a interação dos alunos com seus pares promoveu diálogo sobre os assuntos presentes no Jogo do Troca, como foi a conversa entre os membros dos grupos e quais desafios foram encontrados em trabalhar em grupos na forma de oficinas didáticas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação realizada pelos ministrantes da oficina expôs que na primeira aplicação, houve menor interação entre os componentes dos grupos, possivelmente por ter maior número de grupos, os ministrantes não puderam dar atenção aos grupos de forma a mediar os conhecimentos dos mesmos, tendo que recorrer para o quadro branco para recapitular alguns conceitos de forma expositiva.

Na segunda aplicação, tratando-se de apenas dois grupos, a mediação foi facilitada, e os componentes colaboraram entre si, interagindo de forma a auxiliar os pares na construção dos conceitos referentes ao Jogo do Troca.

Tal interação, principalmente na segunda aplicação, foi visível aos ministrantes, que observaram a promoção do diálogo entre os componentes dos grupos, que participaram de forma ativa nas discussões sobre as respostas às questões estabelecidas no jogo, sendo que a teoria sociointeracionista afirma que “construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é por meio dos outros que as relações entre sujeito e objeto do conhecimento são estabelecidas” (MALDANER, 2011, p.41).

Nas duas aplicações, a oficina contou com grupos heterogêneos, provenientes de diversas turmas, sendo a primeira de diversos nonos anos e a segunda de diversos sétimos anos do Ensino Fundamental, da mesma instituição de ensino.

O diálogo entre os membros dos grupos foi menos expressivo na primeira aplicação, sendo que alguns dos componentes não recordavam determinados conceitos envolvidos no jogo, como por exemplo, questões referentes à semelhança de triângulos e áreas de figuras geométricas planas. Na outra aplicação, apesar de os componentes estarem no sétimo ano e não terem visto todos os conteúdos presentes na atividade, notou-se que os mesmos dialogavam entre si com maior frequência, trocando saberes, indicando possibilidades e atingindo de forma razoável as expectativas previstas pelos ministrantes.

Observou-se que a conversa entre os membros dos grupos foi importante para que todos entendessem o porquê da aplicação do jogo.

Os desafios encontrados pelos proponentes do jogo encontram-se principalmente na questão da mediação em maior quantidade de grupos, pois quanto mais grupos presentes na sala, maior a necessidade do aplicador da oficina didática em dar atenção específica a todos os participantes, de forma individual e coletiva.

Outra inquietação encontrada pelos ministrantes foi a de ter em uma turma de aplicação diversas classes de aprendizagem, em pouco tempo de interação entre elas, ou seja, estudantes que não se conhecem e algumas vezes têm certa timidez de mostrar ao colega de outra turma que não conhece determinado conceito, negando assim a possibilidade de integração de ideias, apontando para o desconhecimento de determinados conceitos, ainda que tivessem noções sobre os mesmos.

4. CONCLUSÕES

Este texto tratou-se da análise de uma oficina didática sobre retomada de conceitos matemáticos do Ensino Fundamental planejada, produzida, desenvolvida e avaliada por membros do Laboratório Multilinguagens da Universidade Federal de Pelotas.

A oficina teve duas aplicações em um evento realizado pelo Colégio Pelotense, sendo a primeira com estudantes dos nonos anos e a segunda com alunos dos sétimos anos do Ensino Fundamental, no evento Sábado em Foco, ocorrido no mês de maio de 2016.

Para a oficina foi trabalhado um jogo em grupos denominado Jogo do Troca, no qual participantes respondem a questões dos tabuleiros, completando com fichas coloridas que correspondem às respostas de tais questões.

A análise da oficina foi feita segundo a teoria sociointeracionista, utilizando como instrumentos a observação dos ministrantes a respeito da interação dos grupos nas duas aplicações da mesma.

Verificou-se que houve maior interação quando a oficina foi realizada com grupos maiores, propiciando aos ministrantes dar maior atenção a tais grupos.

Observou-se que a promoção do diálogo foi maior na segunda aplicação, com menor quantidade de grupos, facilitando a mediação e partilhando conhecimentos entre os pares.

Os desafios encontrados pelos proponentes do jogo encontram-se principalmente na questão da mediação em maior quantidade de grupos, ter em uma turma de aplicação diversas classes de aprendizagem, em pouco tempo de interação entre elas, e na necessidade de que os estudantes apontassem seus saberes, partilhando-os com os colegas para promover o conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MALDANER, A. **Educação Matemática: Fundamentos teórico-práticos para professores dos anos iniciais**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

WENDT, S. P.; RAMOS, R. C. S. S.; CARVALHO, K. S.; MIRANDA, R. A. A.; RODRIGUEZ, L. L.; CENTENO, R. C. Laboratório Multilinguagens da UFPel – uma experiência interligando ensino, pesquisa e extensão. In: **XII ENEM – Encontro Nacional de Educação Matemática**. São Paulo: UCS, 2016.

WROBLEWSKY, C.; PEREIRA, L. M.; HEBERLE, A. G. P.; BROCA, C. C.; BARBOSA, C.; INHONHE, D. C. M.; RAMOS, R. C. S. S. Laboratório Multilinguagens da UFPel – origem, implementação e produção. In: **XXIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas**. Pelotas: UFPel, 2014.